

SOB OS ARCOS DA BEIRA VALÃO

Estereótipos urbanos na apropriação da paisagem do Canal Campos-Macaé, Campos dos Goytacazes/RJ

SESSÃO TEMÁTICA: ET 02: Dimensão humana do projeto, do planejamento e da gestão da paisagem

CATEGORIA: ARTIGO ACADÊMICO CIENTÍFICO

Autor: Fagner das Neves de Oliveira

RESUMO

A cidade é um conjunto de múltiplas ações coletivas e individuais ao longo do tempo, a cidade tem muitas dimensões e significados – reais, concretos e simbólicos. Os signos e padrões inseridos no meio urbano, em seu traçado, nas fachadas das edificações, na cultura construtiva e nos meios de produção do espaço urbano podem ser interpretadas de diferentes modos. Este trabalho analisa estereótipos urbanos na apropriação da paisagem do trecho urbanizado do Canal Campos-Macaé, eixo de formação e estruturação da Cidade de Campos dos Goytacazes-RJ e serão abordados termos teóricos e conceituais de entendimento da paisagem nos contextos morfológico e simbólico, das representações e identidades culturais, além dos estudos relacionados aos signos e significados atrelados ao reconhecimento, identificação e replicação desta identidade no espaço. As presenças deixam “rastros” na paisagem que podem ser percebidas em várias camadas do espaço urbano. O método envolve a identificação e apontamentos dos estereótipos urbanos na apropriação da paisagem, como uma possibilidade para o entendimento da complexidade de um lugar, por meio de representação gráfica de elementos simbólicos, em busca de qualificar no espaço aspectos rotineiros de uma paisagem.

PALAVRAS-CHAVES: paisagem; Canal Campos-Macaé; estereótipos urbanos; apropriação da paisagem

ABSTRACT

The city is a set of multiple collective and individual actions over time, the city has many dimensions and meanings – real, concrete, symbolic and virtual. The signs and patterns inserted in the urban environment, in its layout, in the facades of buildings, in the constructive culture and in the means of production of urban space can be interpreted in different ways. This work analyzes urban stereotypes in the appropriation of the landscape of the urbanized stretch of the Campos-Macaé Canal, the formation and structuring axis of the City of Campos dos Goytacazes-RJ, and theoretical and conceptual terms for understanding the landscape in the morphological and symbolic contexts, representations and cultural identities, in addition to studies related to signs and meanings linked to the recognition, identification and replication of this identity in space. The presences leave “traces” in the landscape that can be perceived in various layers of the urban space. The method involves identifying and pointing out urban stereotypes in the appropriation of the landscape, as a possibility for understanding the complexity of a place, through graphic representation of symbolic elements, to qualify routine aspects of a landscape in space.

KEYWORDS: landscape; Campos-Macaé Canal; urban stereotypes; landscape appropriation

1 INTRODUÇÃO

Toda cidade se transforma, afinal ela é o lugar onde se escreve a história do coletivo e preserva testemunhos de diferentes tempos que contribuem para a construção da memória urbana. A urbe é formada por um conjunto de múltiplas ações coletivas e individuais ao longo do tempo, na paisagem urbana há muitas dimensões e significados – reais, concretas, simbólicas e virtuais. A cidade é espaço de construção de identidades e dentro de seus espaços diferentes atores convivem, nem sempre de forma harmônica e nem sempre ao mesmo tempo, num cotidiano plural, polissêmico, singular e diverso.



Os signos e padrões inseridos no meio urbano, em seu traçado, nas fachadas das edificações, na cultura construtiva e nos meios de produção do espaço urbano trazem uma visão expressiva da cidade para os diferentes aparatos culturais capazes de decifrá-la. A cidade vivenciada em nossa rotina diária, espaço de relações e interações, pode ser interpretada de diferentes modos. Andar na cidade, andar pela cidade, passar por ela, passear por ela, olhar e ver, olhar e não ver, conhecer, reconhecer e inúmeros outros verbos podem ser acrescentados para descrever meios de experienciá-la.

A cidade e seus espaços se constroem como um reflexo da sociedade que os habita. As relações espaciais e construtivas são desenroladas à baila dos entendimentos do que lhes são caros como demonstração de sua identidade enquanto representantes da sua cultura.

De algum modo, a cidade influencia na formação do indivíduo, é possível afirmar que, sendo palco das interações humanas, ela reflete esses padrões e é influenciada por ele. A pesquisa apresentada se desenrola à tona da dinâmica da paisagem urbana, da apreensão dos espaços da cidade, no âmbito dos estudos culturais urbanos, considerando os conceitos de paisagem que compreendem um campo relativo não só à morfologia, mas também às dimensões sociais, econômicas e culturais em que está inserida.

Considerando a premissa que existam espaços na cidade que abrigam, com certa predominância, representações sociais e identidades culturais e que essas são refletidas no contexto urbano no qual estão inseridos por meio de signos na paisagem; entendendo, também, que representações sociais possuem generalidades na construção de suas identidades que nos permitem identificá-las por essas características de forma ampla, pois são estereótipos de um recorte cultural/social; Entendemos que os signos da paisagem somados ao contexto e as generalidades das representações sociais são lidos e identificados como estereótipos urbanos.

Este trabalho apresenta uma identificação das apropriações na paisagem do trecho urbanizado do Canal Campos-Macaé em Campos dos Goytacazes/RJ, mais conhecido como “Beira Valão”, por meio da leitura de estereótipos urbanos de representações sociais. Para tal é necessário contextualizar o Canal, caracterizar sua morfologia e importância na paisagem da cidade de Campos dos Goytacazes e apresentar os fatores que determinam as presenças e apropriações.

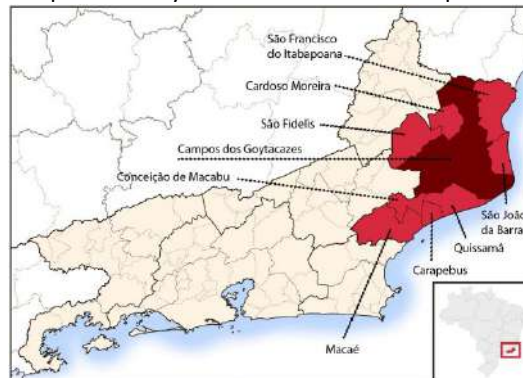
Fazendo uso da paisagem, entendida como “expressão morfológica das diferentes formas de ocupação e, portanto, de transformação do ambiente em um determinado tempo” (MACEDO, 1999, p. 11), como fonte documental principal, foram aplicadas diferentes estratégias combinadas para alcançar os objetivos apresentados. A revisão bibliográfica busca apontar e entender os conceitos que erigem o modo de análise, pesquisa documental em legislações e pesquisas de campo ajudaram a delimitar e identificar o estudo de caso, que se inicia na contextualização da formação da paisagem da “Beira Valão”.

A pesquisa qualitativa compila conteúdos, mapas e informações de base para entendimento do objeto do estudo as quais requerem um cruzamento com os conceitos estudados, as funções simbólicas e seus significados para, então, apresentar resultados baseados em análises subjetivas e argumentativas.

2 A “BEIRA VALÃO” EM CAMPOS DOS GOYTACAZES

Campos dos Goytacazes, importante município da região Norte Fluminense (Figura 1), tem uma população de 483.551 mil habitantes, é a quinta cidade mais populosa do estado do Rio de Janeiro segundo o Censo de 2022 e também o maior município em extensão territorial, com uma área de 4.032,487 km² (IBGE, 2022). Tem sua história entrelaçada com a história do País, remonta ao Brasil Colônia e perpassa até os dias atuais.

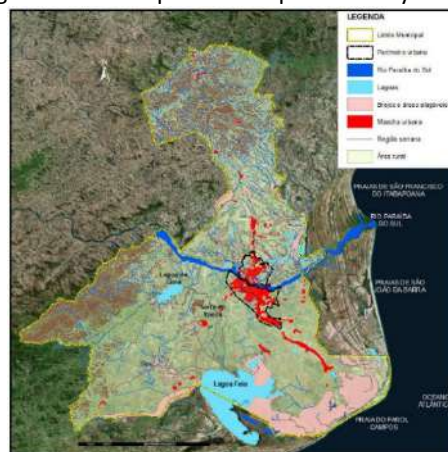
Figura 1: Localização de Campos dos Goytacazes e demais municípios na Região Norte Fluminense



Fonte: IBGE (2022) - modificado pelo autor.

Apesar da grande extensão territorial, a cidade possui uma mancha urbana relativamente pequena, um pouco espreada em relação aos distritos, porém seu núcleo principal é bem compacto (Figura 2). O perímetro urbano é dividido quase ao meio pelo rio Paraíba do Sul. Ao sul o distrito sede de Campos possui os bairros mais antigos e abastados da cidade e um contexto urbano mais denso, já ao norte o distrito de Guarús, historicamente marginalizado, ainda mantém parte de seu suporte geobiofísico natural, apesar de apresentar vulnerabilidades ambientais.

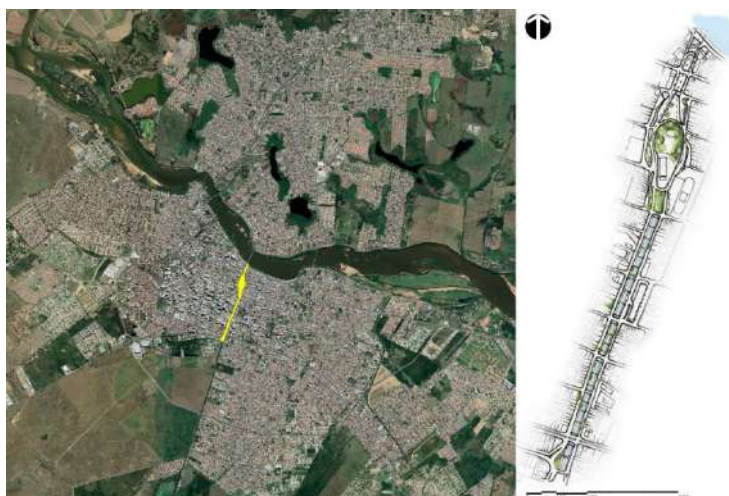
Figura 2: Município de Campos dos Goytacazes



Fonte: Aliprandi (2017).

O recorte espacial desta pesquisa está inserido na paisagem urbana da cidade, mais precisamente no trecho urbanizado o Canal Campos-Macaé e seu entorno (Figura 3), em um segmento com aproximadamente 1500 metros de extensão, de onde se contempla uma paisagem muito densa e rica, com grande complexidade devido a suas muitas camadas sobrepostas ao longo do tempo. O Canal tem uma biografia que se entrelaça à vida da cidade e possui uma herança construída, física e simbolicamente, que não torna possível distinguir do contexto social, econômico, político e cultural do município como um todo.

Figura 3: Localização do Canal Campos-Macaé na mancha urbana de Campos dos Goytacazes.



Fonte: Google Earth - modificado pelo autor (2023) e Representação autoral (2022)

A “Beira Valão” tem uma forte presença no cotidiano campista, muito pela sua posição geográfica, pois se localiza no centro da cidade e a avenida em suas margens é eixo de ligação para quase todo o território, inclusive ali ficam a Rodoviária Roberto Silveira (rodoviária intermunicipal e distrital) e o Mercado Municipal, sendo um elemento de grande movimentação. Não podemos deixar de considerar sua característica monumental da sua estrutura, o trecho urbanizado em Campos dos Goytacazes do canal Campos-Macaé foi tombado pelo INEPAC (registrado sob o número E-18/001134/2002, possui tombamento provisório datado de 30/12/2002) e passou por uma obra de restauração e urbanização em 2011, passando a ostentar vários arcos em toda sua extensão. Existem outros elementos que sempre chamam a atenção, considerados estereótipos do lugar, o mau cheiro peculiar e a paisagem sonora caracterizada principalmente pelo do trânsito intenso, da rodoviária e do Mercado Municipal que fazem um contraponto com o florescer dos ipês amarelos que embelezam sua paisagem (Figura 4).

Figura 4: A floração dos ipês amarelos no Canal Campos-Macaé.



Fonte: G1 - Globo (2020)

Como um complemento de escoamento de produção o Canal Campos-Macaé, que liga as cidades de Campos dos Goytacazes e Macaé no Estado do Rio de Janeiro, com 109 quilômetros de extensão, um dos maiores canais artificiais do mundo, datando da época do Brasil imperial, e tem seu início localizado no centro da cidade de Campos, na margem direita do rio Paraíba do Sul, onde é popularmente conhecido como “Beira Valão”. No esquema gráfico apresentado por

Aliprandi (2017) sobre o sistema de espaços livres da cidade ele é o elemento que representa os canais da cidade, devido à sua importância, seu tamanho e sua localização (Figura 5).

Figura 5: Esquema gráfico apresentando o Sistema de Espaços Livres de Campos dos Goytacazes/RJ



Fonte: (ALIPRANDI, 2017)

De todo modo, a cidade transpassa todas essas suas vertentes a partir da sociedade ali inserida, na medida em que as pessoas são parte integrante da sua construção, formação e evolução e existe nelas uma relação direta com a sua identidade. Assim, a Campos dos Goytacazes e o Canal de hoje é o reflexo e o resultado do conjunto de suas transformações econômicas, sociais, culturais, políticas e morfológicas ao longo de sua história.

3 PAISAGEM E ESTEREÓTIPOS URBANOS

Entender o conceito de paisagem é de suma importância para a compreensão do trabalho, pois o estudo parte do princípio que a paisagem funciona como um espelho, reproduzindo a imagem do contexto socioeconômico. Existe uma condição de herança na paisagem apresentada por Ab'Sáber (2003) ao apontar que existe herança de processos fisiográficos e biológicos, e pelo patrimônio coletivo das comunidades que historicamente atuaram no território.

A concepção de paisagem de Macedo (1999) entende que nela tem-se a constituição das combinações necessárias que abrangem sua complexidade, onde a mesma pode ser considerada

[...] como um produto e como um sistema; como um produto porque resulta de um processo social de ocupação e gestão de um determinado território. Como um sistema, na medida em que, a partir de qualquer ação sobre ela impressa, com certeza haverá uma reação correspondente, que equivale ao surgimento de uma alteração morfológica parcial ou total. (MACEDO, 1999, p. 11)

Essa abordagem sistêmica abre espaço para o elemento simbólico-conceitual como agente de transformação e adicionarmos o entendimento da possibilidade de divisão da análise da paisagem em duas vertentes, considerada por Leite (1992, p. 45) como manifestação da criatividade humana. Ela ainda complementa que a paisagem se apresenta como um fato físico, objetivo e passível de categorização e também atua como um processo criativo contínuo, não sendo possível de apresentar um arranjo definitivo, de se identificar como uma realidade imóvel e sua concepção não pode ser estática. Ao tempo em que é construída coletivamente, rica em detalhes minuciosos é, também capaz de apresentar visões de conjunto, generalidades e, talvez pela sua complexidade qualitativa e dimensional, seja muito difícil sua apreensão global.



No caminho dessa possibilidade de categorização, busca-se na leitura da paisagem identificar o que consideramos estereótipos urbanos. Seriam os padrões encontrados no espaço urbano que de alguma forma demonstrem as diferentes representações sociais, econômicas e/ou culturais, apresentando em sua forma e comportamento signos indicadores do seu “predomínio” no espaço e na paisagem. A captura desses estereótipos é feita por intermédio da interpretação dos signos da paisagem, sendo signos uma definição dada pela semiótica.

Como ciência especial, a semiótica do ambiente urbano confirma a característica básica de uma postura da semiótica da ciência, ou seja, considera a evolução do pensamento e do conhecimento em contínua evolução. Repele-se qualquer relação que simplifique as afirmações para unificar, em uma linearidade temporal, o passado e o futuro, por meio da constatação dos dados do presente.

Nessa dinâmica, o conhecimento do espaço urbano é revisitado a cada confronto com sua mutante realidade, incorporam-se outras dimensões, à semelhança do que ocorre com o próprio objeto que persegue: a cidade. (FERRARA, 2000, p. 175)

Considerando a condição simbólica de leitura da paisagem dada pelos princípios da semiótica, os estereótipos urbanos são encontrados como representações características de grupos sociais e culturais em diversos modos e meios. Elementos, linguagens e impressões, ou na perspectiva peirciana¹ da semiótica, ícones, símbolos e índices que levam ao reconhecimento, direto ou indireto, das representações dominantes do espaço.

[...] o simples ato de olhar já está carregado de interpretação, visto que é sempre o resultado de uma elaboração cognitiva, fruto de uma mediação signica que possibilita nossa orientação no espaço por um reconhecimento e assentimento diante das coisas que só o signo permite. (SANTAELLA, 1990, p. 79–80)

Todo exercício de atividade humana se insere num contexto mais amplo, na medida em que interage e interfere, ou age como interferidor, nos sistemas sociais, econômicos e culturais e, neles causam alterações ou confirmam suas intenções. Para reconhecer os padrões dessas interações é necessário que eles sejam representados por signos e ao reconhecê-los podemos estar incluídos ou não ao seu contexto. “O modo dessa representação revela a ação do sistema socioeconômico-cultural sobre nossos pensamentos, ou seja, como diz Pierce, “não podemos pensar sem signos”.” (FERRARA, 2002, p. 6)

4 ESTEREÓTIPOS URBANOS NAS APROPRIAÇÕES DA PAISAGEM

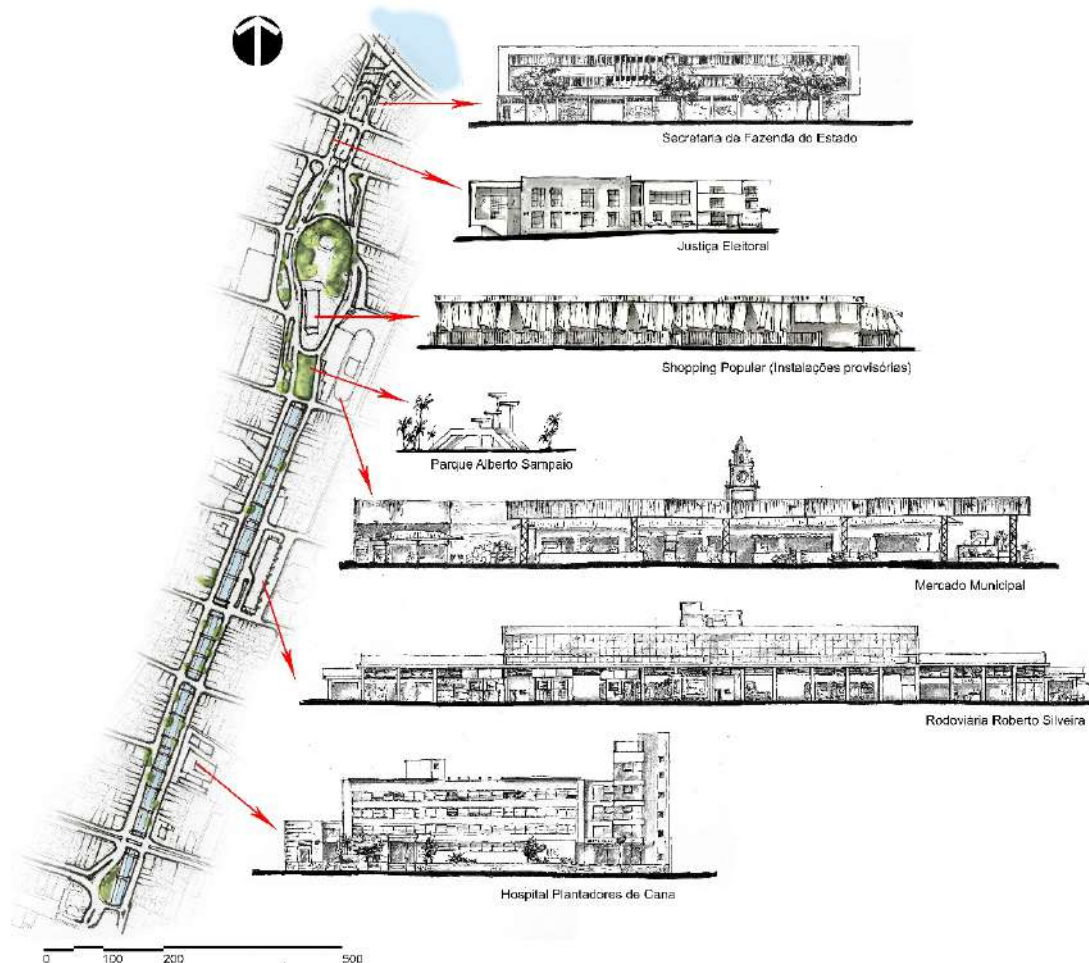
A consolidação da malha urbana da cidade de Campos dos Goytacazes inicia sua ocupação às margens do rio Paraíba do Sul e se estende ao longo do seu curso. O Canal sempre teve uma posição de destaque, principalmente a partir do final do século XIX, quando sua presença começa a ser mais importante. Possui uma posição na cidade que se apresenta como uma fronteira entre os dois principais centros comerciais: a leste o centro histórico, de caráter mais popular e de baixa renda; e a oeste a região da Pelinca, centro comercial mais novo e com características de comércio voltado à população de renda média e alta.

No século XX instalaram-se em suas margens importantes empreendimentos, como o Mercado Municipal (1921), a Rodoviária Roberto Silveira (1962) e o Parque Alberto Sampaio (1988), que consolidaram a “Beira Valão” como um importante eixo estrutural da mancha urbana do município. No início deste último século poucas intervenções públicas foram implementadas, tendo destaque a Ponte Leonel Brizola (2007) e sua via de acesso, que gerou novos espaços e permitiu novos modos de apropriação, e as instalações provisórias do Shopping Popular Michel Haddad sobre trecho do Parque Alberto Sampaio (Mapa 1), ainda existente no espaço

¹ Termo derivado de Charles Sanders Pierce, conhecido como o pai da semiótica

provisório, mesmo após a inauguração do Novo Shopping Popular Michel Haddad em dezembro de 2022.

Mapa 1: Principais empreendimentos na “Beira Valão”



Fonte: Autoria própria (2022).

As principais características de uso e ocupação dos edifícios, considerando sua fachada térrea e a área selecionada para a pesquisa tem fortes atributos comerciais distribuída em toda sua extensão (Mapa 2). As edificações institucionais não são numerosas, porém a maioria possui dimensões extremamente relevantes que chegam a ocupar toda uma quadra, ou parte significativa dela, o que faz com que essas composições possuam demasiada presença na área. As residências ainda existentes são mescladas entre as edificações comerciais, porém se apresentam somente a sul do Parque Alberto Sampaio e do lado oeste do Canal, trecho que se aproxima do bairro Pelinca, onde a cidade é mais verticalizada e possui valor do solo mais elevado. A leste do Canal, onde se localiza o Centro Histórico, as características comerciais de pequeno e médio porte são principais, mas também apresenta alguns estabelecimentos de grande relevância, como o Mercado Municipal, e as residências que podem ser encontradas estão em pavimentos superiores, muitas das quais convertidas em salas comerciais e escritórios. Nesta área existem muitas das edificações representantes do grande acervo de arquitetura eclética da cidade.



Mapa 2: Mapa de uso e ocupação



Fonte: Autoria própria (2022).

O mapa 3 apresenta como as principais apropriações do lugar são relacionadas às características comerciais e de transporte da área. É comum encontrar comércio ambulante, variantes da presença do camelódromo no local, em áreas de aglomeração de público (terminais e pontos rodoviários), feiras livres nas praças e pontos de transporte alternativo, alguns clandestinos.

Mapa 3: Mapa de apropriações



Fonte: Autoria própria (2022)

O comércio ambulante se apropria dos espaços de grande movimento e aglomeração, por isso não é de se estranhar a presença dessas atividades ao redor do Mercado Municipal, da Rodoviária Roberto Silveira e do Hospital dos Plantadores de Cana. A figura 6 demonstra a apropriação por vendedores ambulantes e comércio informal do ponto de ônibus ao lado do Mercado Municipal, ocupando quase a totalidade da área coberta do equipamento público. Outros pontos identificados se apresentam nas áreas dos pontos de transportes alternativos, tanto os regulares quanto os clandestinos.

Figura 6: Ocupação do ponto de ônibus por comércio informal.



Fonte: Street View (2022).

Para além disso existe um ponto reconhecidamente identificado pela presença de pessoas em situação de rua e “artistas de sinal”, no final do trecho cruzando com a Av. 28 de Março, muito justificável ser um cruzamento importante entre três avenidas e possuir muitos sinais de trânsito, que permitem uma maior facilidade de acesso aos veículos e seus ocupantes.

A presença da Rodoviária Roberto Silveira torna a região propícia a apropriações de outros tipos de transportes. Por isso, sempre foi nessa área que os pontos de transporte alternativos se alocaram, mesmo que o atual ponto regulamentado de transporte alternativo esteja mais ao norte. Criou-se ao redor da rodoviária o entendimento de que existem outras alternativas de transporte e, assim, existem pontos clandestinos de vans e lotadas² intermunicipais e distritais, além de ser recorrente como local de embarque dos aplicativos de carona (Blablacar, por exemplo), a figura 7 demonstra o ponto recorrente de lotadas e caronas por aplicativo, é possível encontrar pessoas paradas com bagagens na frente da drogaria e carros parados sinalizando o pisca alerta aguardando os passageiros, inclusive fechando o acesso as vagas da farmácia.

Figura 7: Exemplo de viagem por aplicativo Blablacar e o ponto de partida na Drogaria Cesar.



Fonte: Blablacar.com.br (2023) e Street View (2022).

Outra importante apropriação identificada, que tende a acontecer em horários alternativos ao comercial, é o uso dos espaços sob o viaduto da Rosinha³. Por meio do poder público foram

² Carros particulares fazendo transporte de pessoas em “caronas pagas”

³ Nome dado pelos campistas ao espaço útil embaixo do acesso da Ponte Leonel Brizola



instalados nessa área um estacionamento, quiosques de alimentação e uma meia quadra de basquete que também possui aparatos móveis para a prática de skate. Nesse espaço acontecem, além das práticas esportivas determinadas pelo projeto do lugar, apropriações de diversos grupos e movimentos sociais. Ali acontecem batalhas de rimas, shows de rock, encontros de passinho, eventos religiosos, ou seja, é um palco para encontros de movimentos e práticas socioculturais.

Ao cruzar as informações sobre os usos e as apropriações é possível perceber que existe alguns setores de atividades e funções que sofrem das influências dessas apropriações ou de um uso importante no seu entorno, seja pela presença de uma importante edificação institucional, pelas atividades mais marcantes ou pela influência das características gerais do seu entorno.

Na parte norte, onde o Canal já está coberto, há duas principais relações identificadas. A presença dos pontos de transporte alternativo gerou uma área de serviços e comércios ligados a essas atividades: lojas de peças e acessórios automotivos; serviços de mecânica, tornearia, retífica, lanternagem e embelezamento; serviços de despachantes entre outros. Outra relação identificada vem a reboque da função do Mercado Municipal, sendo um espaço que atua nas atividades tanto no âmbito do atacado quanto no do varejo (atacarejo), abre espaço para que seu entorno se aproprie dessa característica.

Próximo à rodoviária encontramos serviços e comércios que buscam atender o ao público que utiliza esse espaço, sendo a rodoviária de caráter distrital e regional, ou seja, atende à Baixada Campista e às cidades vizinhas, tendendo a ter um público de classes sociais mais baixas. A tipologia das atividades é bem diversificada, abrangendo várias áreas do comércio e serviço que variam desde itens de primeira necessidade até itens de bazar, passando por variedades e alimentícios.

A parte sul do trecho estudado aparenta representar a influência da presença do Hospital dos Plantadores de Cana, onde no seu entorno identificamos a presença de muitos estabelecimentos voltados a área de saúde. Foi identificada a presença de farmácias, produtos e serviços ortopédicos, produtos de enfermagem, óticas e serviços variantes que vêm a reboque dessa presença como: clínicas médicas particulares, clínicas de diagnósticos, serviços de planos de saúde/seguros.

Ao longo da avenida deparamo-nos com comunicações do poder público e/ou propagandas de grandes conglomerados ou empresas de alcance nacional, além de chamadas de serviços e propagandas de empresas locais, por isso percebemos os indícios de uma busca por atingir todo tipo de público, devido à heterogeneidade das informações. Com base nessa observação, reforça-se, ainda hoje, o caráter de principal conexão urbana, por onde circula elevada e diversificada parcela da população.

Esses elementos podem sugerir que determinadas representações participantes do lugar não usufruem do comércio e demais atividades do local, mas se utilizam do seu sistema de espaços livres como meio de conexão a outros lugares da cidade. A condição de eixo estruturante da avenida que margeia o Canal, pelo movimento do transporte público que por ali permeia, pela presença da Rodoviária Roberto Silveira (importante elemento de conexão do sistema de transporte municipal, distrital e intermunicipal), além dos transportes particulares e alternativos que muito se utilizam da avenida, demonstram que a “Beira Valão” possui uma característica de passagem.

Ao nos depararmos com manifestações expressadas em locais que previamente não estão previstas para essa finalidade, como pichações e grafites, podemos intuir a participação de grupos e representações “invisíveis”, às vezes ignoradas no contexto geral do lugar, mas que

muito influenciam e são influenciadas pelo lugar. As representações “invisíveis” são símbolos de um espaço pluralizado, que dele participa, mas, às vezes, são ignorados ou relegados a espaços pouco atrativos e/ou não preparados para suas atividades. Manifestações culturais em muros e fachadas são estereótipos urbanos que registram a presença desses grupos e classificar sua presença se torna importante para apontar a identidade do lugar.

A presença dessas manifestações é bem determinada no lugar, sendo os grafites recorrentes somente no trecho sob o viaduto da Rosinha, se apropriando dos pilares da ponte (Figura 8) e das subidas nas laterais para suas manifestações. Esse local se justifica também pela presença da área destinada às manifestações sociais/culturais, gerando não só a motivação como tornando a ação menos “marginal”.

Figura 8: Pilares do viaduto com grafites e ao fundo espaço multiuso



Fonte: Acervo próprio (2023)

Já as pichações se distribuem por toda a extensão da área, são bem espalhadas pela extensão da “Beira Valão” e possui maior concentração na mesma região dos grafites. As pichações tendem a ocupar paredes e muros extensos ou edificações que estão em desuso com caráter de abandono, mas não chegam a se destacar na paisagem pela pequena quantidade.

Poucas são as manifestações em estabelecimentos em atividade ou na estrutura do Canal (jardineiras, talude e arcos), onde são mais encontrados cartazes e lambe-lambes com teor crítico social. Os arcos sobre o Canal que sofreram intervenções dessas manifestações, na maioria dos casos, estão posicionados nos cruzamentos mais movimentados.


5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a desenvolver um estudo de caso na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ, mais precisamente no trecho onde o Canal Campos-Macaé (também conhecido como “Beira Valão”) cruza a área central da cidade, relacionando os signos da paisagem às representações sociais comumente encontradas no local. Para isso a premissa básica foi considerar que esses signos são estereótipos urbanos que distinguem as presenças e/ou apontam as predominâncias das representações sociais na paisagem.

Para compreender a paisagem da “Beira Valão” e, posteriormente, analisar os estereótipos urbanos ali presentes, fez-se necessário compilar conteúdos, mapas e informações de base que contextualizaram o lugar. Essa contextualização se relacionou com os conceitos estudados, as funções simbólicas e seus significados, apresentando resultados assentados em análises subjetivas e argumentativas.

Entender a leitura dos estereótipos urbanos como processo de leitura da paisagem, ou seja, um processo que envolve pesquisa documental, mapeamentos temáticos, registros etnográficos, observação e interpretação de dados, nos fez perceber quem são os atores ativos no lugar.

Mesmo entendendo que esses estereótipos são relacionados a uma estética cultural atrelada a um contexto social e a um recorte temporal, é cabível reportá-los como um reflexo sógnico de



um contexto urbano, sendo esse contexto urbano também um reflexo da sociedade que o habita.

Foi possível perceber que as representações sociais da “Beira Valão” estão atreladas aos grandes empreendimentos que se espalham pelo local e às apropriações culturais sob o viaduto da Rosinha. Considerando o Canal um eixo estruturante na formação da cidade, existe uma condição de fronteira, mesmo que simbólica, entre os dois principais centros comerciais, foram identificadas representações que perpassam por ali, cruzam o Canal sem permanecer, mas deixam seus rastros naquela paisagem.

A compreensão da existência de relações entre passado, presente e futuro lança luz sobre a dicotomia entre a impermanência e a perenidade da identidade do lugar. Se por um lado existe um reconhecimento de uma identidade do lugar por meio de um senso de pertencimento a um contexto coletivo reforçado pela presença de elementos, materiais e imateriais, que são apontados como “únicos” desse lugar, por outro lado, as transformações na paisagem, comuns ao cotidiano de qualquer local, são adequações aos novos contextos (sempre em transformação), que, por sua vez, modificam os sujeitos que ali convivem que então se adequam, absorvem, internalizam e naturalizam essas transformações.

Assim, a identidade do lugar é dinâmica e continuamente construída, que absorve as transformações ao longo do tempo, quando novas camadas vão se formando na percepção e no entendimento dessa identidade, alterando, mas não perdendo seu cerne.

6 REFERÊNCIAS

AB’SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003. v. 1

ALIPRANDI, Danielly Cozer. **O sistema de espaços livres da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ: Carências e Potencialidades**. 2017. FAU / UFRJ, Rio de Janeiro, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FERRARA, Lucrécia D’Alessio. **Os significados urbanos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.

FERRARA, Lucrécia D’Alessio. **Leitura Sem Palavras**. 4ª ed. São Paulo-SP: Atica, 2002.

FERRARA, Lucrécia D’Alessio. **Estratégia dos signos**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

IBGE. **Campos dos Goytacazes (RJ) | Cidades e Estados | IBGE**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/campos-dos-goytacazes.html>. Acesso em: 5 jul. 2023.

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. **Destrução ou desconstrução? Questões de paisagem e tendências de regionalização**. 2ª ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 2006.

MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do paisagismo no Brasil**. [s.l.] : Projeto Quapá, Laboratório da Paisagem, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo ..., 1999.

PANOFKY, Erwin. Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte da renascença. *In*: **Significado nas artes visuais**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 47 à 87. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=NMT4PQAACAAJ>.